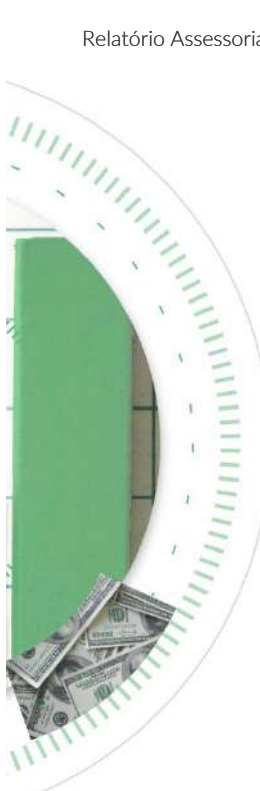


Comportamento Semanal de Mercado

5 a 12 de abril



Sem relação mecânica?



Houve na semana uma clara deterioração na percepção de risco dos investidores. Inicialmente, reagindo à surpresa negativa com a inflação ao consumidor (CPI) nos EUA que empurrou definitivamente para o 2º semestre o início da flexibilização monetária e reduziu os preços dos *Treasuries*. Posteriormente, a possibilidade de um novo conflito bélico no Oriente Médio estabeleceu uma corrida por segurança que levou a uma ligeira reversão nesse movimento. Com a maior aversão ao risco, os índices das bolsas de Nova York apresentaram perdas na semana e o dólar ganhou força no mercado de câmbio internacional.

Acompanhando o aumento das tensões no Oriente Médio, o real se depreciou em -1,02%, com o US\$ fechando o período cotado a R\$ 5,12, pressionado também pelo vencimento de US\$ 3,8 bilhões de NTN-As. Hoje, o Banco Central (BC) deu início à rolagem de US\$ 15,5 bilhões de *swaps* cambiais com vencimento em 01/07/24. Mesmo com a mudança do *forward guidance* da política monetária pelo BC, a mediana das projeções para a taxa Selic em 05/04 para a reunião de junho continuou precificando um corte de -0,50 p.p.. Apesar de não existir uma relação mecânica entre esses acontecimentos e as escolhas futuras de política monetária do BC, é provável que com a recente deterioração do cenário externo a taxa terminal de 2024 aumente em relação aos atuais 9,00% a.a.. Espelhando na plenitude o movimento observado no exterior, houve na semana uma elevação nos prêmios de risco na curva futura de juros. Em 05/04, com uma inflação para os próximos 12 meses suavizada de 3,50% no Boletim Focus e a taxa prefixada de 1 ano em 9,96% a.a., a taxa real de juros ex-ante era de 6,25% a.a. (5,95% a.a. em 29/12), adentrando-se ainda mais em patamar contracionista.

No que tange aos aspectos qualitativos do IPCA, vários indicadores se comportaram de forma favorável em março. A média anualizada dos 5 núcleos acompanhados pelo BC passou de 4,01% a.a. em fev/24 para 3,79% a.a.. As medidas de inflação subjacentes para a alimentação no domicílio saíram de 1,54% a.a. para 1,57% a.a. e a de bens industriais de 2,12% a.a. para 1,62% a.a.. A exceção ficou com a de serviços que subiu de 4,89% a.a. para 4,99% a.a.. No 1T24, o Índice de *Commodities* do BC (IC-Br) aumentou 7,8%, influenciado pelo componente da agropecuária que teve uma alta de 8,7%. Se a trajetória dos preços dos serviços merece atenção, o setor vem apresentando desaceleração, saindo no acumulado de 12 meses de uma taxa de 2,3% a.a. em jan/24 para 2,2% a.a. em fevereiro (7,7% a.a. em fev/23). Por fim, reagindo a um conjunto de medidas do governo e às melhores condições na oferta de crédito, o volume do varejo restrito acumulado em 12 meses encerrou fevereiro em 2,3% a.a. ante 1,8% a.a. em jan/24 (1,3% a.a. em fev/23), enquanto o ampliado acelerou de 2,9% a.a. para 3,6% a.a. (-0,5% a.a. em fev/23).

Além dos desdobramentos das questões geopolíticas, a agenda semanal traz os dados de atividade de março nos EUA, como varejo e indústria, que devem ratificar o entendimento de que a economia se mantém aquecida, suportada por um mercado de trabalho ainda robusto, colocando pressão na política monetária. Deve-se, ainda, monitorar o resultado do PIB da China no 1T24. Internamente, o foco está no IBC-Br para calibrar as expectativas para o desempenho do PIB no 1T24, após o varejo se mostrar robusto em março, e a indústria e os serviços indicarem uma performance menos favorável.

Expectativas

Divulgado em 05/04, o Boletim Focus voltou a apresentar alguma elevação nas expectativas inflacionárias. No curto prazo, o IPCA para março subiu de 0,23% em 28/03 para 0,24%, o de abril prosseguiu em 0,30%, ao passo que o de maio variou de 0,22% para 0,23%. Com isso, o IPCA projetado para 2024 passou de 3,75% para 3,76%. Com maior peso no horizonte relevante para a política monetária, a mediana das estimativas para 2025 ampliou-se de 3,51% para 3,53%. Também desancoradas e no mesmo patamar por 40 edições consecutivas, as estimativas para 2026 e 2027 ficaram em 3,50%. Calculada com base nas negociações das NTN-Bs, a curva da inflação implícita mostrou, entre 12/04 e 05/04, estabilidade em 3,75% no prazo de 1 ano, redução de 4,27% para 4,22% no de 2 anos e de 4,57% para 4,54% no de 3 anos.

Paralelamente, o Focus continuou com o processo de aumento nas projeções de crescimento do PIB em 2024. Entre os dias 28/03 e 05/04, a mediana das expectativas para a atividade passou de 1,89% para 1,90% (1,52% em 29/12/23). Ao mesmo tempo, as estimativas de expansão para os anos de 2025, 2026 e 2027 acomodaram-se em 2,00%. Mesmo com a mudança do *forward guidance* da política monetária pelo BC, a mediana das projeções para a taxa Selic para a reunião de junho continuou precificando um corte de - 0,50 p.p.. Com a recente deterioração do cenário externo, é provável que a taxa para o fim de 2024 aumente em relação aos atuais 9,00% a.a.. Ainda que o mercado já precificasse uma Selic terminal mais elevada ao final do ciclo, o Focus continua estimando uma taxa de 8,50% a.a. em 2025, patamar que se estenderia até 2027.

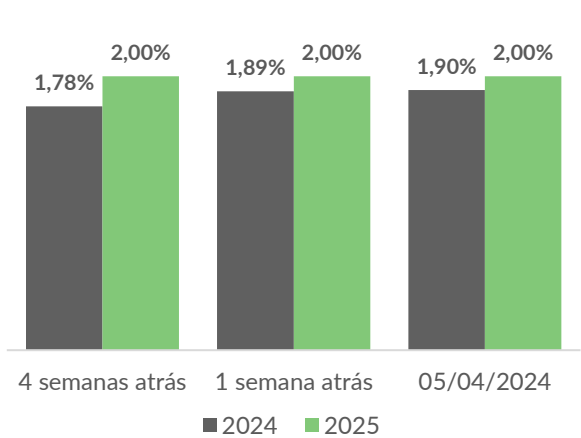
Sem computar a recente crise geopolítica e os mais recentes números da inflação nos EUA, o cenário para o câmbio não tinha alterado, com o US\$ mantendo-se estável em R\$ 4,95 ao fim de 2024, em R\$ 5,00 ao término de 2025, em R\$ 5,04 no final de 2026 e em R\$ 5,07 para 2027.

O encaminhamento das negociações sobre uma possível redução da meta fiscal de 2025, no Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) poderá ter impacto nos próximos boletins, alterando as projeções do déficit primário em relação ao PIB. Em 05/04, o indicador era de -0,70% em 2024, de -0,60% em 2025 e de -0,50% em 2026. O percentual para 2027 variou de -0,28% para -0,25%. Ainda, espera-se uma dívida líquida do setor público crescente, ficando em 63,85% do PIB em 2024, em 66,42% do PIB em 2025, em 68,50% em 2026, alcançando 69,80% do PIB em 2027.

IPCA - Mediana das Projeções

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	05/04/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
mar/24	0,24	0,23	0,24
abr/24	0,30	0,30	0,35
mai/24	0,23	0,22	0,22
2024	3,76	3,75	3,77
2025	3,53	3,51	3,51
2026	3,50	3,50	3,50

PIB – Mediana das projeções (% a.a.)



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

EUA

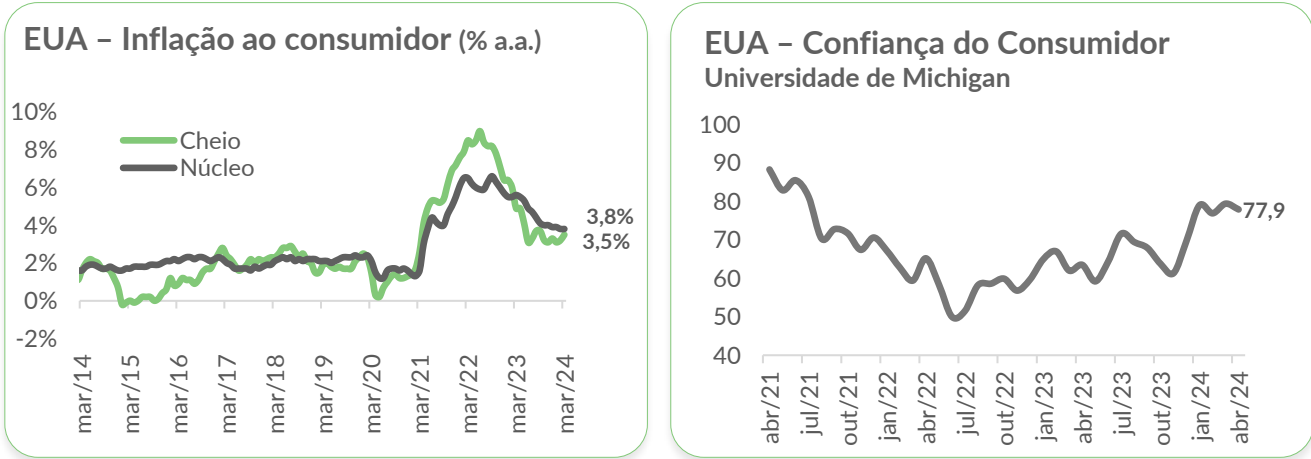
Na ata da última reunião de política monetária do Federal Reserve (Fed) prevaleceu a sensação de que a taxa básica de juros se encontrava no pico do ciclo de aperto. Apesar das 2 leituras mensais mais recentes sobre a inflação subjacente e cheia terem sido mais altas do que as esperadas, os membros do Comitê de Política Monetária (FOMC) acreditavam que tinham sido feitos progressos significativos na convergência da inflação para 2%. Adicionalmente, os indicadores de atividade apontavam uma expansão sólida da atividade, significativos ganhos salariais e uma taxa de desemprego baixa. Com alguma irregularidade neste processo, consideravam como apropriado o corte dos juros em algum momento de 2024. A "grande maioria" dos integrantes do FOMC desejava em breve desacelerar o ritmo da redução no balanço do Fed. Esse ajuste daria aos mercados de financiamento de curto prazo, tempo adicional para se adequar ao nível de liquidez necessário, mitigando o risco de estresse.

Todavia, com a pressão sinalizada na divulgação do CPI, o início do ciclo de afrouxamento monetário será postergado. Superando o consenso da London Stock Exchange Group (LSEG) de uma alta de 0,3%, o CPI subiu 0,4% em março, a mesma taxa observada em fev/24. Em 12 meses, a taxa acelerou de 3,2% a.a. em fev/24 para 3,5% a.a., também acima da expectativa de 3,4% a.a.. A medida do núcleo, que desconsidera as variações de preços de alimentos e energia, manteve-se estável na margem com um aumento de 0,4%, com o índice anualizado crescendo ao ritmo de 3,8% a.a., mesma variação verificada em fev/24.

Atenuando as pressões, a inflação ao produtor (PPI) desacelerou de 0,6% em fev/24 para 0,2% em março, porém acumulando uma alta de 2,1% a.a. ante 1,6% a.a. em fev/24. Ambos os resultados ficaram abaixo do previsto pelo consenso LSEG, que previa inflação mensal de 0,3% e alta de 2,2% a.a.. O núcleo do indicador, que exclui alimentos, energia e serviços comerciais cresceu 0,2% em março, após uma alta de 0,3% em fev/24. Em termos anualizados, o núcleo mostrou uma alta de 2,8% a.a., após ter subido 2,7% em fev/24.

A leitura preliminar da confiança do consumidor medida pela Universidade de Michigan caiu de 79,4 em mar/24 para 77,9. Já a expectativa para a inflação para os próximos 12 meses aumentou de 2,9% para 3,1% e de 5 anos passou de 2,8% em mar/24 para 3,0%.

Por fim, na semana encerrada em 6 de abril, os pedidos semanais por seguro-desemprego caíram em 11 mil para 211 mil em dados ajustados sazonalmente, ante uma expectativa de 215 mil solicitações. Ademais, o total de pedidos da semana anterior foi revisado ligeiramente de 221 mil para 222 mil.



Fonte: Bureau of Labor Statistics | The University of Michigan. Elaboração ABBC

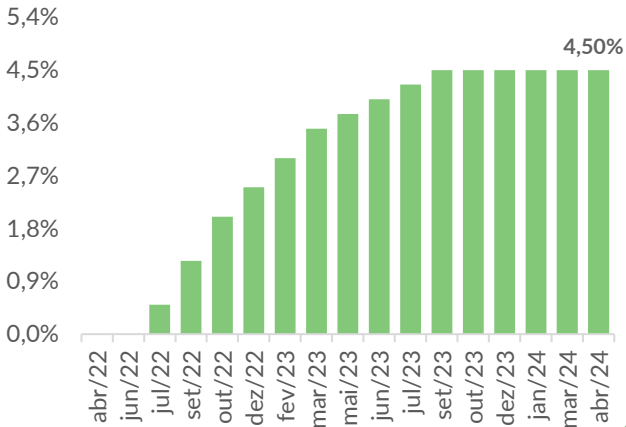
Economia Internacional

Mantendo as taxas inalteradas, o Banco Central Europeu (BCE) reafirmou que os juros ficarão em níveis restritivos pelo período que for necessário. Só será apropriada a redução do aperto monetário, quando houver maior confiança de que a inflação na zona do euro esteja convergindo de forma sustentada para a meta oficial de 2%. Assim, a taxa de refinanciamento permaneceu em 4,50%, a de depósitos em 4,00%, e a de empréstimos em 4,75%.

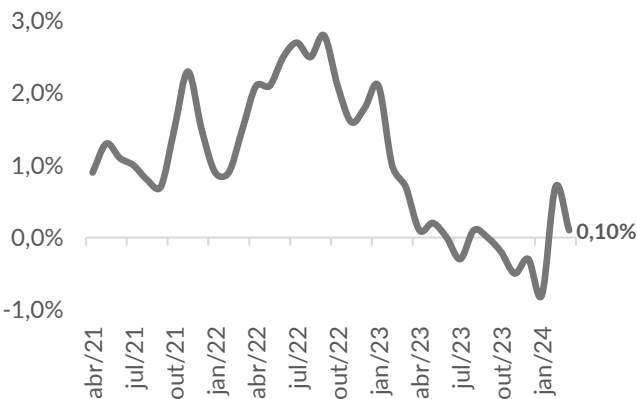
Em março, o CPI na China arrefeceu mais do que se esperava e a deflação no PPI persistiu, cenário que sugere medidas adicionais de estímulos em meio à fraqueza da demanda. Na margem, o CPI saiu de uma alta de 1,0% em fev/24 para uma queda de -1,0%. Na base anual, o CPI desacelerou de 0,7% a.a. em fev/24 para 0,1% a.a. e o núcleo da inflação na base anual subiu 0,6% em março, de 1,2% em fev/24. Já o PPI caiu -0,1% em março, ante uma queda de 0,2% em fev/24, passando de uma queda de -2,7% a.a. em fev/24 para -2,8% a.a. em março.

No setor externo, o saldo comercial recuou fortemente de US\$ 125,2 bilhões no acumulado de jan/24 e fev/24 para US\$ 58,6 bilhões em março, abaixo do consenso da LSEG de um saldo de US\$ 70,2 bilhões. No mês, as exportações retraíram-se em -7,5%, revertendo os ganhos de 7,1% no bimestre, diante de uma diminuição da demanda por produtos mecânicos e de alta tecnologia e vestuário. Já as importações cederam -1,9% em março, por conta principalmente da menor procura por produtos agrícolas e petróleo bruto.

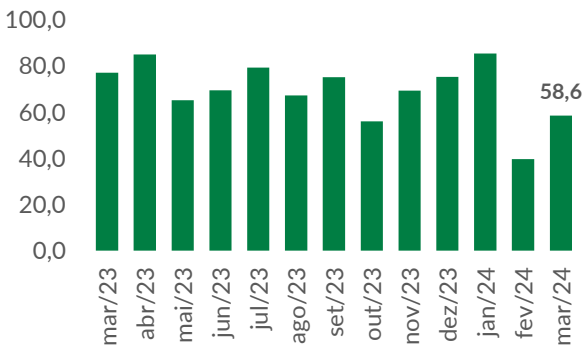
Zona do Euro – Taxa de juro



China – Inflação ao Consumidor (% a.a.)



China – Saldo Comercial
US\$ bilhões



Fonte: Bloomberg.. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Com 2 ocorrências de impacto muito relevante, houve na semana uma clara deterioração na percepção de risco dos investidores, com aumento na rentabilidade dos *Treasuries*. Inicialmente, a surpresa negativa com o CPI agravou a complexidade do cenário inflacionário nos EUA, já manifestada nos números do *payroll* na semana anterior.

Com esse evento, o retorno do *T-note* de 2 anos avançou de 4,73% a.a. em 05/04 para 4,97% a.a. em 10/04, o de 5 anos de 4,38% a.a. para 4,61% a.a., o de 10 anos de 4,39% a.a. para 4,55% a.a., e o de 30 anos de 4,54% a.a. para 4,64% a.a.. Após a divulgação do CPI, com a reprecificação da trajetória da política monetária executada pelo Fed, as apostas de manutenção da taxa básica de juros em julho alcançaram 57,6% na plataforma de monitoramento do CME Group. Para setembro, em relação à faixa atual, a redução de -0,25 p.p. tinha 45,2% de probabilidade e a de -0,50 p.p. de 18,0%.

Em um 2º momento, com a possibilidade de um novo conflito bélico no Oriente Médio, estabeleceu-se uma corrida por segurança que levou a alguma redução nos rendimentos dos *Treasuries* de prazos mais curtos, com o de 2 anos fechando a semana em 4,88% a.a. e o de 5 anos em 4,54% a.a.. Com queda menor nos vértices mais longos, a taxa ficou em 4,50% a.a. para 10 anos e em 4,61% a.a. para 30 anos. Implícitas nessa realocação, as chances de manutenção dos *Feds Funds* no atual patamar, entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a. em julho, reduziram-se para 43,5% a.a. em 12/04.

Com a maior aversão ao risco, os índices das bolsas de Nova York apresentaram perdas na semana, o Dow Jones era de -2,37%, o S&P 500 de -1,56% e o Nasdaq de -0,45%. O índice Xangai recuou -1,62%, com as ações dos setores de energia e imobiliário liderando as perdas. Conduzido por ganhos em ações de eletrônicos e imobiliárias, o índice Nikkei subiu 1,36%. Na Europa, o DAX 40 caiu -1,35%, enquanto o FTSE subiu 1,07%, beneficiado por ações de empresas mineradoras como a Glencore (+5,10%) e Anglo American (+3,67%), por conta do avanço dos preços dos metais.

Na semana, ativos mais seguros foram favorecidos. O ouro renovou a sua máxima histórica, chegando a ultrapassar US\$ 2.400 por onça-troy, acumulando uma alta de 1,2% no período. Apesar da alta diária de 0,79% em 12/04, por conta das tensões no Oriente Médio, a cotação do barril de petróleo tipo Brent era de US\$ 90,45, com uma perda semanal de -0,79%, devida a uma previsão baixista no crescimento da demanda mundial da Agência Internacional de Energia (AIE). O preço da saca de soja na bolsa de Chicago caiu -0,93% e o minério de ferro exibiu forte recuperação, com alta de 11,73%.

O Ibovespa encerrou a semana com queda de -0,67%, com as altas nas ações da Vale e Petrobras ajudando a reduzir as perdas do índice. Por fim, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 4,57 bps. no período, para 253,58 bps..

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	12/04/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	125.946	-0,7%	-1,3%	18,3%
Nasdaq	16.175	-0,5%	-0,6%	33,0%
S&P	5.123	-1,6%	-1,0%	23,6%
Dow Jones	37.983	-2,4%	-2,6%	11,6%
FTSE 100	7.996	1,1%	3,2%	1,9%
DAX 40	17.930	-1,3%	-0,2%	14,0%
Nikkei 225	39.524	1,4%	1,9%	40,4%
Xangai	3.019	-1,6%	-1,2%	-9,0%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.

Data	Rendimento (% a.a.)
28/03/2024	4,39
05/04/2024	4,50
12/04/2024	4,55

Câmbio

Além do retardamento da queda na taxa de juros para o 2º semestre, o dólar foi favorecido no mercado internacional de câmbio pelo aumento da aversão ao risco com as tensões geopolíticas. Assim, o *Dollar Index*, que mede a variação da divisa dos EUA perante uma cesta de moedas de 6 países desenvolvidos, registrou na semana uma alta de 1,67%, refletindo as depreciações de 1,82% do euro e de 1,53% da libra esterlina.

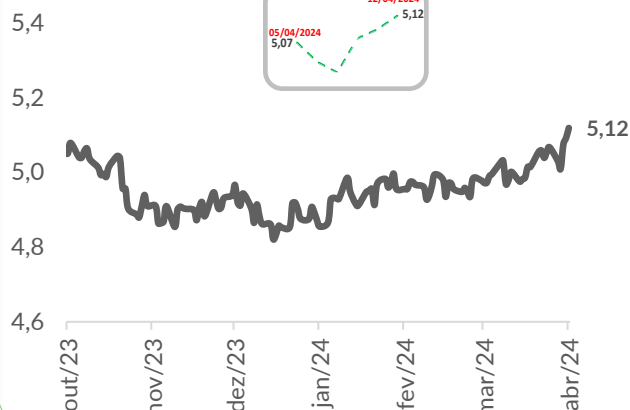
Em concordância, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas dos países emergentes em relação ao dólar recuou - 1,04%, com destaques para as depreciações de 2,34% no peso colombiano, 1,14% no rublo russo, de 0,81% no rand sul-africano, de 0,58 % no peso argentino e de 0,34% no peso mexicano, além da apreciação de 0,04% na rúpia indiana.

Acompanhando o aumento das tensões no Oriente Médio, o real se depreciou em -1,02%, com o US\$ cotado a R\$ 5,12, com ganhos acumulados no mês de 2,07%. A aproximação do vencimento de NTN-As no valor de US\$ 3,8 bilhões pressionou ainda mais esse mercado.

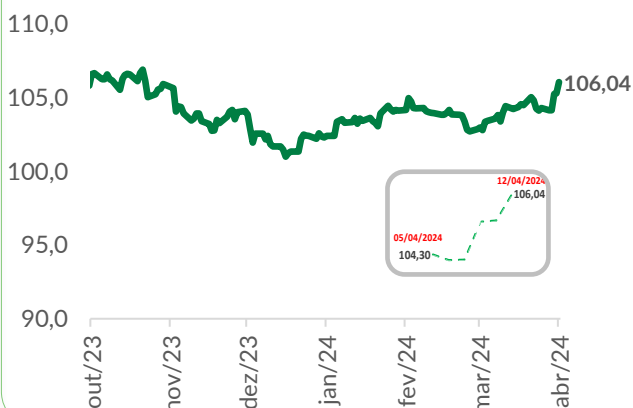
Na semana, o BC manteve a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 03/06/2024. Em 15/04, deu início à rolagem de US\$ 15,5 bilhões de *swaps* cambiais com vencimento em 01/07/24. Serão realizados leilões diários de *swaps* durante o período necessário para que todo o estoque seja renovado.

Ainda, entre os dias 1º e 5 de abril, o fluxo cambial registrou saída líquida de US\$ 684 milhões, decorrentes da saída líquida de US\$ 3,66 bilhões na conta financeira e de uma entrada de US\$ 2,97 bilhões pela conta comercial. No acumulado do ano, o câmbio contratado está positivo em US\$ 4,11 bilhões, com fluxo negativo de US\$ 13,51 bilhões no canal financeiro e ingresso de US\$ 17,62 bilhões na conta comercial.

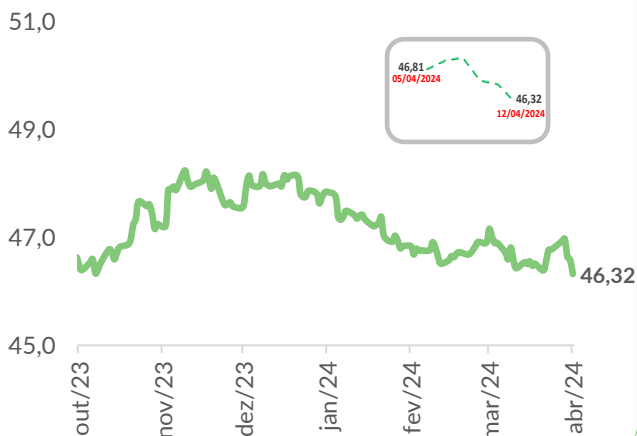
Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rúpia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: BCB | Bloomberg. Elaboração ABBC

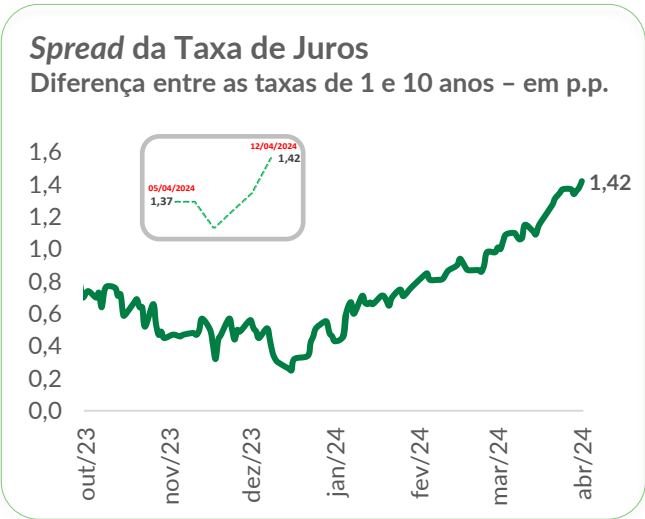
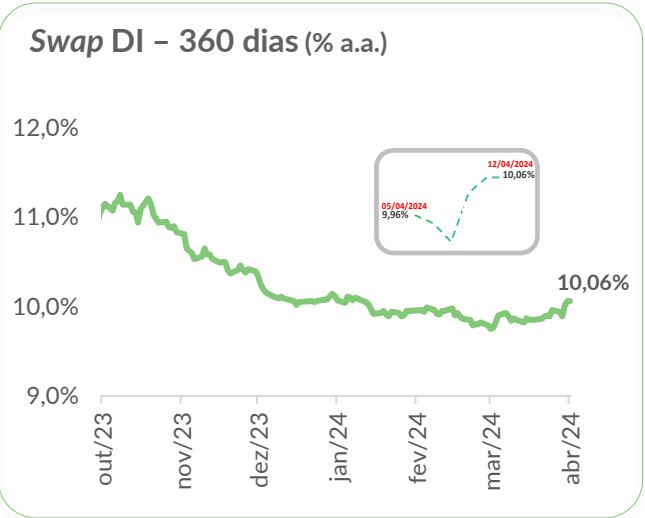
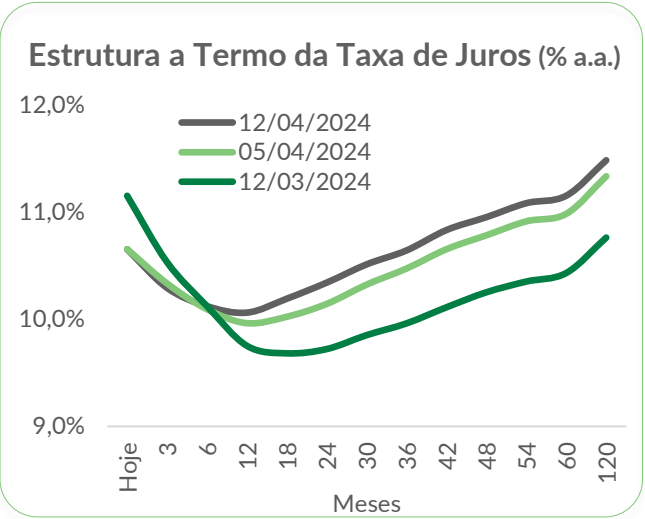
Taxa de Juros

Sem contemplar o impacto positivo do IPCA de março, mas espelhando a plenitude do movimento observado no exterior, houve na semana uma elevação nos prêmios de risco ao longo da Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ).

Como exceção, a taxa de 3 meses caiu de 10,33% a.a. para 10,29% a.a., em relação ao fechamento da semana anterior. Com uma alta de 0,03%, a taxa de 6 meses ficou em 10,12% a.a.. Em maior intensidade, a taxa com vencimento em 1 ano aumentou de 9,96% a.a. para 10,06% a.a., a de 2 anos de 10,14% a.a. para 10,34% a.a., a de 3 anos de 10,47% a.a. para 10,64% a.a., a de 4 anos de 10,78% a.a. para 10,95% a.a., a de 5 anos de 10,98% a.a. para 11,15% a.a. e a de 10 anos de 11,33% a.a. para 11,48% a.a..

Em 05/04, com uma inflação para os próximos 12 meses suavizada de 3,50% no Boletim Focus e a taxa prefixada de 1 ano em 9,96% a.a., a taxa real de juros *ex-ante* seria de 6,25% a.a. (5,95% a.a. em 28/12), adentrando-se ainda mais em patamar contracionista.

Por fim, com a elevação nos prêmios de risco, a inclinação da curva de juros calculada pelo spread entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, se mantém em trajetória crescente, passando de 1,37 p.p. em 05/04 para 1,42 p.p..



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA – Mar/24

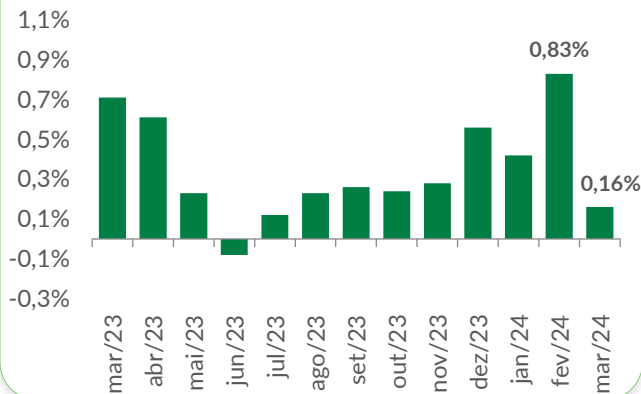
O IPCA desacelerou de uma alta de 0,83% em fev/24 para 0,16% em março, ficando abaixo da mediana das projeções indicadas pelo Boletim Focus de uma elevação de 0,24%. Desta forma, houve uma desaceleração de um aumento de 4,50% a.a. em fev/24 para 3,93% a.a. (4,65% a.a. em mar/23).

Dos 9 grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE, 6 indicaram acréscimo no mês. Com impacto de 0,11 p.p. no índice geral, a elevação nos preços de Alimentação e Bebidas reduziu-se de 0,95% em fev/24 para 0,53%, com a diminuição favorecida pela desaceleração nos custos com alimentação no domicílio (1,12% para 0,53%) e também fora de casa (0,49% para 0,35%). Influenciados pelo aumento de 0,77% nos planos de saúde e de 0,52% nos produtos farmacêuticos, os custos no grupo Saúde e Cuidados Pessoais se elevaram em 0,43%, ante 0,65% em fev/24, contribuindo com +0,06 p.p.. Por sua vez, a inflação de Transportes passou de uma alta de 0,72% em fev/24 para queda de -0,33% (-0,07 p.p.), impactada pelo recuo nos preços das passagens aéreas (-10,71% para -9,14%) e pela desaceleração da gasolina (2,93% para 0,21%).

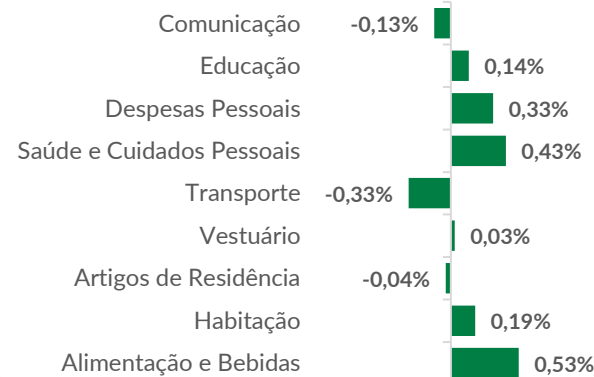
Em termos agregados, há sinais de uma dinâmica benigna para a inflação, sobretudo de bens, enquanto a de serviços mantém-se ainda como ponto de atenção.

No que tange aos aspectos qualitativos, vários indicadores se comportaram de forma favorável. A média anualizada dos 5 núcleos acompanhados pelo BC passou de 4,01% a.a. em fev/24 para 3,79% a.a.. As medidas de inflação subjacentes para a alimentação no domicílio passaram de 1,54% a.a. para 1,57% a.a. e de bens industriais de 2,12% a.a. para 1,62% a.a.. A exceção ficou com a de serviços que subiu de 4,89% a.a. para 4,99% a.a.. Ainda de forma positiva, o índice de difusão, que mede a proporção de bens e serviços que apresentaram aumento, partiu de 57,0% em fev/24 para 55,7%.

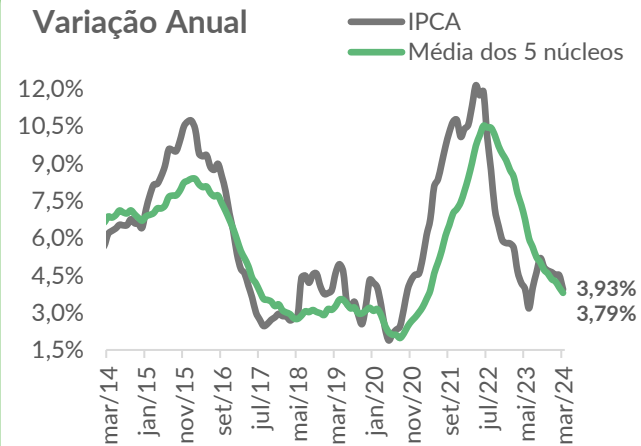
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Variação Anual



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

IC-Br – Mar/24

O Índice de *Commodities* do BC (IC-Br) aumentou 2,6% em março, após o incremento de 4,3% em fev/24. Com isso, o indicador passou de 360,19 pts. em fev/24 para 369,38 pts.. No 1T24, o índice apresentou elevação de 7,8%, influenciado pelo componente da agropecuária, com alta de 8,7%.

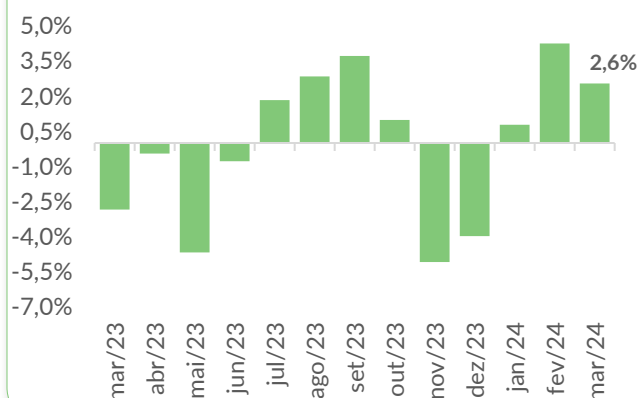
A dinâmica mensal do IC-Br decorreu das altas de 6,6% no grupo de energia (-0,5% em fev/24), de 4,2% do metal (+0,6% em fev/24), além do aumento de 1,2% na agropecuária (+6,3% em fev/24).

Em 12 meses, o IC-Br inverteu a trajetória cadente iniciada em out/22, e encerrou com uma alta de 1,50% a.a. em março, ante -3,9% a.a. em fev/24 (-14,0% a.a. em mar/23).

Com exceção da agropecuária que acumulou uma elevação de 3,8% a.a. no período (-0,1% a.a. em fev/24 e -1,3% a.a. em mar/23), os demais componentes mantiveram variações negativas. Metal acumulou uma retração de -4,0% a.a. (-12,00% a.a. em fev/24 e -26,4% a.a. em mar/23) e energia de -3,7% a.a. (-12,5% a.a. em fev/24 e -34,5% a.a. em mar/23).

Após uma variação positiva de 3,2% em fev/24, o *Commodity Research Bureau* (CRB), que é baseado no mercado à vista e medido em dólares, cresceu 2,1% na margem em março. O indicador passou de 376,71 pts. em fev/24 para 384,78 pts.. Em 12 meses, reduziu a trajetória cadente, passando de -9,5% a.a. em fev/24 para -6,9% a.a. (-8,9% a.a. em mar/23).

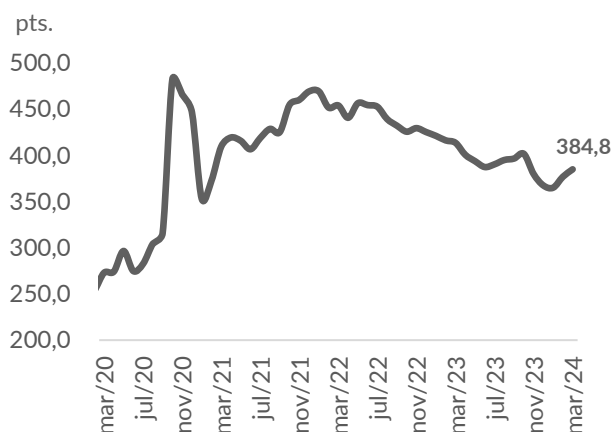
Índice Composto Variação mensal



Índice Composto Variação anual



Índice CRB*



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

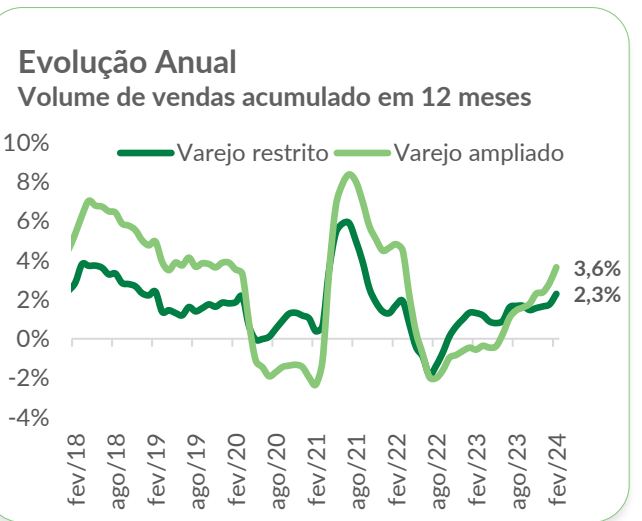
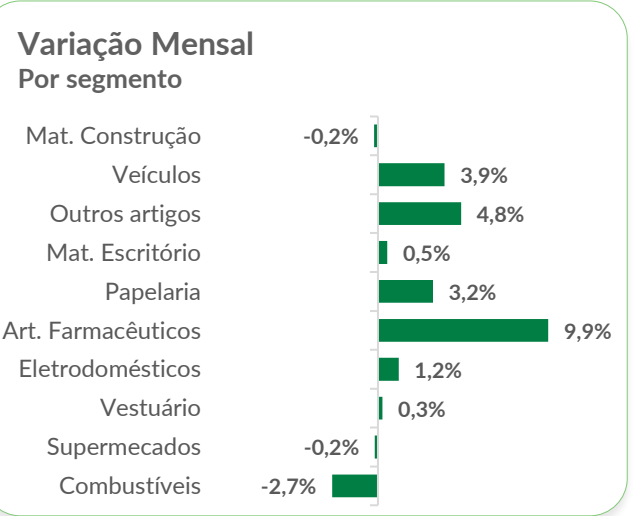
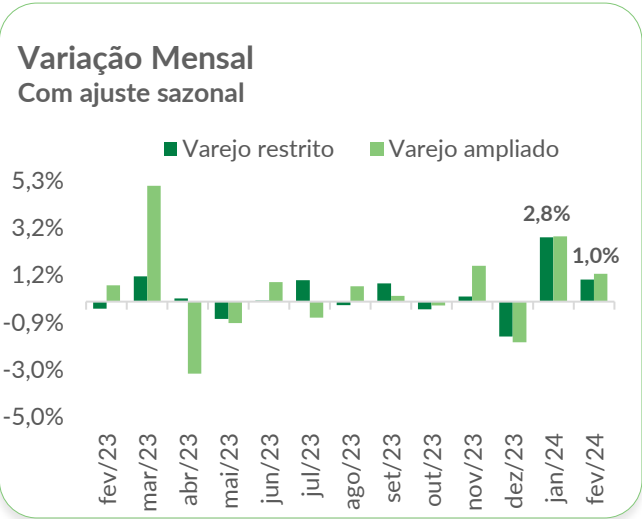
Pesquisa Mensal do Comércio – Fev/24

Impulsionadas pela combinação de um mercado de trabalho aquecido, com ganhos de massa salarial, ciclo de queda dos juros e os incentivos governamentais, as vendas no varejo cresceram pelo 2º mês consecutivo.

Na série com ajuste sazonal, as vendas no comércio restrito cresceram 1,0% em fevereiro, após uma alta de 2,8% em jan/24. Das atividades que compõe o indicador, 6 de 8 apresentaram taxas positivas na margem, com destaques para artigos farmacêuticos e de perfumaria (-1,1% para 9,9%), outros artigos de uso pessoal e doméstico (6,8% para 4,8%) e livros, jornais e papelaria (-3,3% para 3,2%). Em sentido inverso, ocorreram quedas para combustíveis e lubrificantes (-0,3% para -2,7%) e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (0,8% para -0,2%).

Influenciado pela alta mensal de 3,9% em veículos e motos, partes e peças (3,7% em jan/24) e a queda de -0,2% em material de construção (estabilidade em jan/24), o varejo ampliado desacelerou a alta de 2,8% em jan/24 para 1,2%, também na série com ajuste sazonal. Com os resultados de fevereiro, o carregue estatístico para o 1T24 ficou em 2,5% para o índice restrito e 3,0% para o ampliado.

A variação anual do volume do varejo restrito acumulado em 12 meses segue acelerando o seu ritmo de crescimento, encerrando em 2,3% a.a. ante 1,8% a.a. em jan/24 (1,3% a.a. em fev/23). Em maior intensidade, a variação anual do volume do varejo ampliado acumulado em 12 meses acelerou de 2,9% a.a. em jan/24 para 3,6% a.a. (-0,5% a.a. em fev/23).



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal de Serviços – Fev/24

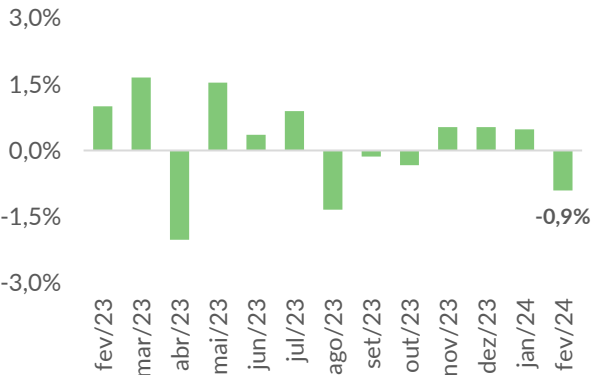
Na série livre de influências sazonais, o volume de serviços recuou -0,9% em fevereiro. A queda ocorreu após uma expansão por 3 meses consecutivos que acumulou uma alta de 1,5%. O resultado mensal ficou bem abaixo do esperado pelo consenso da Reuters, de uma alta de 0,2%. Com o desempenho recente, o setor situou-se 11,6% acima do patamar pré-pandemia, mas -1,9% abaixo do ponto mais alto da série ocorrido em dez/22, deixando um carregio estatístico para o 1T24 de +0,4% (+1,2% dos serviços prestados às famílias).

O recuo mensal foi acompanhado por 4 das suas 5 atividades, com destaque para o setor de serviços profissionais, administrativos e complementares, que saiu de uma alta de 1,0% em jan/24 para uma queda de -1,9% em fevereiro. Perdendo parte dos ganhos de 3,6% dos últimos 4 meses, o setor de informação e comunicação retraiu-se em -1,5% em fev/24. As principais influências vieram de portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na Internet, e de edição integrada à impressão de livros, que, com o fim da preparação para o início do ano letivo, mostrou um arrefecimento do mercado.

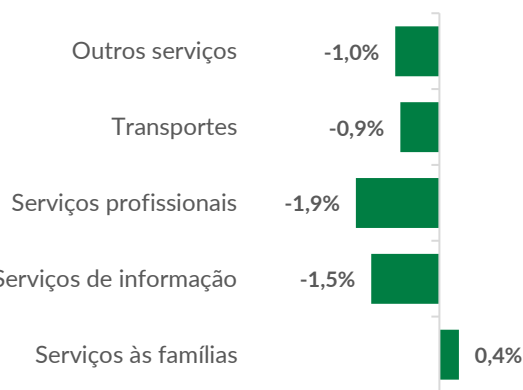
As demais atividades com retração no mês foram transportes (-0,9%) e outros serviços (-1,0%). Como exceção, os serviços prestados às famílias apresentaram alta de 0,4%, não compensando a queda de -2,9% em jan/24.

Na série com a variação acumulada em 12 meses, o volume de serviços apresentou acréscimo de 2,2% a.a. em fevereiro, ante 2,3% a.a. em jan/24 (7,7% a.a. em fev/23). Na decomposição por setores, houve elevações em serviços prestados a famílias (3,8% a.a.), serviços de informação e comunicação (3,7% a.a.), serviços profissionais, administrativos e complementares (3,6% a.a.) e transportes (0,9% a.a.). Por sua vez, o segmento de outros serviços recuava em -1,3% a.a..

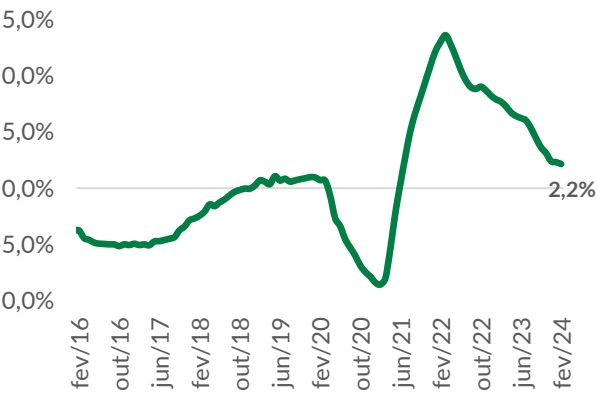
Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Mensal
Por segmento



Evolução Anual
Volume acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Veículos – Mar/24

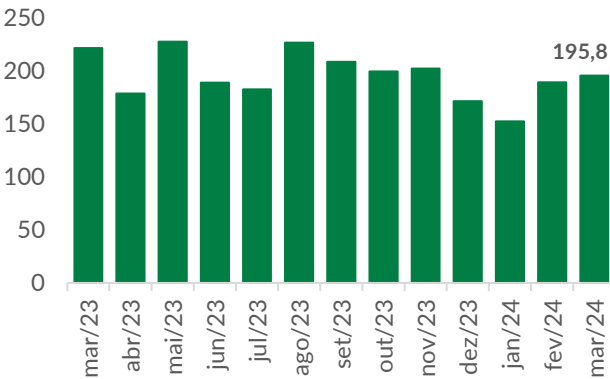
No mês de março, os dados da Anfavea reportaram uma produção de 195.751 mil autoveículos, representando um crescimento mensal de 3,2%. Desse total, os ônibus tiveram participação de 1,3%, caminhões de 5,7%, comerciais leves de 19,7%, automóveis de 73,3%.

O resultado mensal foi o melhor desde nov/23, em meio à crescente demanda do mercado. No primeiro trimestre, o volume produzido cresceu 0,4% em relação ao 1T23, após recuar -6,3% no 4T23, sugerindo uma contribuição positiva para a produção industrial no 1T24. Já a variação anual da produção acumulada em 12 meses acentuou a trajetória cadente, passando de -0,8% a.a. em fev/24 para -3,4% a.a. (12,2% a.a. em mar/23). Ainda, as exportações apontaram alta de 6,5% na margem, mas passando de uma queda de -19,9% a.a. em fev/24 para -23,6% a.a. (+25,3% a.a. em mar/23)

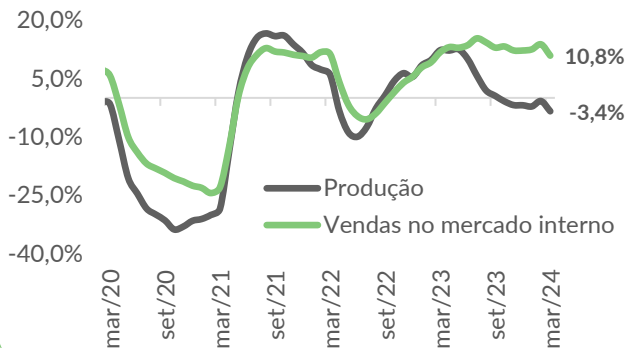
Já as vendas no mercado interno, de acordo com a Fenabrave, alcançaram 347.958 mil unidades de autoveículos em março, registrando uma alta de 12,6% em relação a fev/24. Considerando-se o acumulado em 12 meses, houve acréscimo de 10,8% a.a., ante 13,7% a.a. em fev/24 (11,7% a.a. em mar/23).

Já as vendas de usados, atingiram 1.134.156 mil unidades de autoveículos no mês, representando uma queda mensal de -4,9%. No entanto, a variação anual das vendas acumuladas em 12 meses manteve um ritmo crescente, saindo de 4,7% a.a. em fev/24 para 6,0% a.a. (-6,2% a.a. em mar/23).

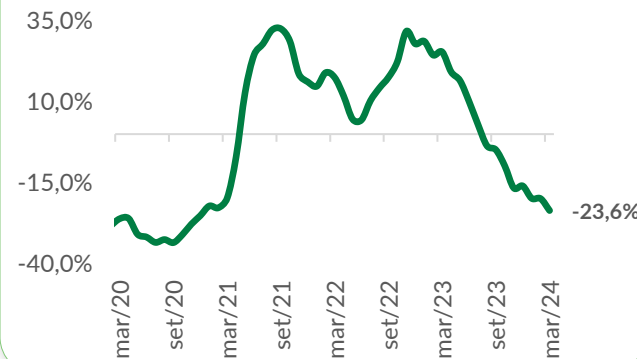
Produção Mensal
Em mil unidades



Variação Anual
Acumulada em 12 meses



Evolução Anual
Exportações acumuladas em 12 meses



Fonte: Anfavea/Fenabrave.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	8,0
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,8
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-30,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	67,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,9
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688